

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
CAMPUS EXPERIMENTAL DE ROSANA  
CURSO DE TURISMO**

**EDVANICE DE OLIVEIRA FREIRE**

**PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DO  
TURISMO: O CASO DA VILA DE PARANAPIACABA (SP)**

**Rosana  
2007**

**EDVANICE DE OLIVEIRA FREIRE**

**PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO  
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO: O CASO DA VILA  
DE PARANAPIACABA (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual  
Paulista como requisito para obtenção do  
grau de bacharel em turismo.

**ORIENTADOR: Prof. Msc. Rodrigo Gomes Guimarães**

Rosana  
2007

**EDVANICE DE OLIVEIRA FREIRE**

**PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO  
DO TURISMO: O CASO DA VILA DE PARANAPIACABA (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual  
Paulista como requisito para obtenção do  
grau de bacharel em turismo.

Aprovado em 29 de junho de 2007

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Msc. Rodrigo Gomes Guimarães  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Prof. Msc. Cláudia Correa de Almeida Moraes  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Prof. Msc. Lélío Galdino Rosa  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Aos meus pais, Maria de Lourdes e Severino, e à minha madrinha Rosa.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado forças para não desanimar e saúde para continuar lutando por um futuro melhor.

Agradeço aos meus pais por me incentivarem a conquistar meus objetivos e me apoiarem nos investimentos necessários à minha formação.

Agradeço aos meus irmãos pelos momentos de apoio.

De forma especial, agradeço a minha madrinha Rosa Costa, pelas orações e pelo amor que sempre me dedica.

Não posso esquecer dos amigos, que sempre me deram palavras de ânimo e torceram por mim.

Meu agradecimento também à minha família de Primavera, Masao, Maria e filhos, pela atenção, carinho e força que me deram, durante o período que me encontrei longe da minha família.

Meu sincero agradecimento e admiração ao casal Maria Olímpia Soares Onuma e Shigueru Onuma, que me doaram a ferramenta necessária à execução deste trabalho e me acolheram como uma filha.

Ao meu orientador, Rodrigo Gomes Guimarães, pela paciência, pelos ensinamentos e pelo incentivo à pesquisa e ao aprendizado.

Também aos meus professores, pelo carinho, apoio e ensinamentos que levarei para toda a vida.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pelo incentivo em forma de bolsa de iniciação científica, para que a pesquisa fosse desenvolvida.

À população da Vila de Paranapiacaba, principalmente aos colaboradores da pesquisa, que me proporcionaram uma experiência única e me ajudaram na minha formação acadêmica e pessoal.

Ao Museu de Santo André, por me proporcionar acesso ao seu acervo sobre a Vila de Paranapiacaba.

Meu muito obrigado à banca examinadora pela análise do trabalho.

“Sê a diferença que queres ver no mundo.”  
Mahatma Gandhi

## **RESUMO**

Com a criação do Ministério do Turismo em 2003, o turismo surge como um elemento importante para o desenvolvimento socioeconômico do país. O Plano Nacional de Turismo, lançado também em 2003, tem embasamento em algumas premissas que visam um ordenamento estratégico da atividade e a geração de divisas e oportunidades. Surge então uma abertura para as comunidades reivindicarem uma participação mais efetiva nos processos de planejamento e gestão, consolidando um modelo de turismo comunitário. Este trabalho teve como objetivo, elaborar um plano de diagnóstico e planejamento participativo do turismo para a Vila de Paranapiacaba (SP), utilizando a metodologia participativa. Os resultados apresentados foram registrados em um relatório que servirá de base para ações que possam ser realizadas pela comunidade, na busca de um maior espaço participativo.

Palavras-chave: Participação; Turismo Comunitário; Metodologia Participativa.

## **ABSTRACT**

With the creation of the Ministry of the Tourism in 2003, the tourism appears as an important element for the social economical development of Brazil. The National Plan of Tourism, also launched in 2003, has basement in some premises that aim at a strategical order of the activity and the improvement of the economy. More effective in the planning processes and management appear a chance for the communities to demand a participation, consolidating a model of communitarian tourism. This work had as objective, to elaborate a plan of diagnosis and participative planning of the tourism for the Village of Paranapiacaba (SP), using the participative methodology. The presented results had been registered in a report that will serve of base for actions that can be carried through by the community, in search of a bigger participative space.

Key words: Participation; Communitarian tourism; Participative methodology.

## **LISTA DE SIGLAS**

ABDL – Associação Brasileira de Desenvolvimento de Lideranças.

CIT – Centro de Informações Turísticas.

CONDEPHAAT: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

DRP – Diagnóstico Rápido Participativo.

FAPESP – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

NATUR – Natureza Turística de Rosana.

PMSA – Prefeitura Municipal de Santo André.

PNMT – Plano Nacional de Municipalização do Turismo.

PQSTP – Programa de qualificação dos serviços turísticos de Paranapiacaba.

SPR – São Paulo Railway Co.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Abordagens combinadas para o desenvolvimento da comunidade

Tabela 2: Oito degraus da escada da participação cidadã segundo Arnstein (2002)

Tabela 3: Plano de Atividades para a Vila de Paranapiacaba

## SUMÁRIO

Capítulo 1: O trabalho.....	12
1.1 O motivo do trabalho.....	12
1.2 Introdução ao trabalho.....	13
1.3 Breve descrição do local de estudo.....	14
1.4 Objetivos da Pesquisa.....	15
1.5 Justificativa.....	15
1.6 Delimitação da discussão.....	17
Capítulo 2: Como se dá a participação?.....	19
2.1 A questão da Participação .....	19
2.2 Diferentes formas de participação.....	22
2.3. Turismo comunitário e planejamento participativo .....	24
2.4 Metodologia Participativa.....	26
2.5 O Plano Nacional do Turismo (2003-2007) e o Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes voltadas à inclusão .....	29
2.6 Experiências e projetos de envolvimento comunitário.....	31
2.6.1 Projeto Turismo Sertanejo.....	31
2.6.2 Projeto Natureza Turística de Rosana – NATUR.....	31
Capítulo 3: Metodologia.....	32
3.1 Visitas a campo .....	32
3.2 Participação em reunião da Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba com os empreendedores locais.....	34
3.3 Elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo.....	35
3.4 Entrevista com a Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba.....	36
3.5 Análise de matéria de jornal.....	36
Capítulo 4: Resultados e Discussão.....	37
4.1 Resultados do Diagnóstico Rápido Participativo.....	37
4.1.1 Técnica Realidade-Desejo-Como.....	37
4.1.2 Eleição de Prioridades.....	39
4.1.3 Diagrama de Venn.....	39
4.1.4 Entrevista com os componentes do grupo que colaborou com a pesquisa.....	40
4.1.5 Fragmentos das falas dos colaboradores nas reuniões.....	41
4.2 Resultados complementares.....	42
4.2.1 Entrevista com a Gerência de Turismo de Paranapiacaba.....	42
4.2.2 Análise de matéria de jornal.....	43
4.3 Proposta de Plano de Atividades para a Vila de Paranapiacaba.....	44
Capítulo 5: Conclusões e sugestões.....	46
5.1 Conclusão.....	46
5.2 Sugestões.....	48
Referência Complementar.....	50
Referências Bibliográficas.....	52
Anexos.....	54

# Capítulo 1: O trabalho

## 1.1 O motivo do trabalho

Este trabalho de pesquisa teve início devido a um sonho que despertou no segundo ano do curso. Sonho este que encontrou na área acadêmica, apoio e incentivo, seja por parte dos mestres e também pela agência de fomento, a FAPESP, para me tornar uma possível colaboradora no campo do turismo.

Mas qual é este sonho?

Sonho de ver um mundo onde todos têm a mesmas possibilidades ou que pelo menos tenham a chance de lutar para ter uma vida melhor.

Foi a partir dessa aspiração que resolvi me aprofundar nos estudos sobre turismo e inclusão social, assim como também, participação e suas formas de atuação na área de desenvolvimento turístico.

Não é fácil falar sobre isso pois, há escassez de material e de relatos devido a pouca produção científica sobre esses temas e porque, para entender os processos atuais ao qual os mesmos estão intrinsecamente relacionados, é necessário conhecer e compreender os processos históricos, políticos, econômicos e sociais da nossa sociedade.

Percebi, ao realizar este trabalho, que possuo uma certa deficiência para discutir algumas pautas que estão relacionadas a este mix que compõe a nossa vida social e, isto foi muito válido porque me fez entender que preciso buscar outras fontes para me abastecer e, amadurecer meus pensamentos para sempre estar em constante atualização.

Com isso, entendi que este é um exercício onde pretendo apresentar algumas reflexões que acho pertinentes para a área a que me propus contribuir e para a população que colaborou no meu processo de pesquisa e aprendizado.

## 1.2 Introdução ao trabalho

O debate sobre a prática de um novo tipo de turismo, que seja responsável e sustentável, está abrindo espaço para reflexão e estudo sobre os impactos que a atividade turística produz e de como torná-la um fator de mudança para as populações locais onde essa é exercida. É neste momento que se reconhece a importância do envolvimento da comunidade no processo do turismo, encontrando dessa maneira, uma oportunidade de inclusão social e de geração de emprego e renda, entre outras vantagens.

Com a criação do Ministério do Turismo em 2003, o turismo surge como um elemento importante para o desenvolvimento socioeconômico do país. O Plano Nacional de Turismo, lançado também em 2003, tem embasamento em algumas premissas que visam um ordenamento estratégico da atividade e a geração de divisas e oportunidades. Algumas dessas premissas dispõem de questões relacionadas com a discussão apresentada neste trabalho e merecem destaque porque fazem referência à: “parceria e gestão descentralizada; inovação na forma e no conteúdo das relações e interações dos arranjos produtivos; o turismo como fator de construção da cidadania e de integração social” (Ministério do turismo, 2003).

Esse almejado desenvolvimento demanda não só esforços políticos, mas, principalmente, pesquisas que contribuam no embasamento de ações estrategicamente planejadas.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que já vem sendo amadurecida desde o segundo semestre do ano de 2005, onde o planejamento participativo e o turismo comunitário são os norteadores da proposta de desenvolvimento turístico defendida nesta discussão.

Espera-se que os resultados apresentados neste trabalho possam servir como ferramentas para serem utilizadas pela comunidade analisada, eventualmente também por outras que tiverem interesse, contribuir com futuros trabalhos e principalmente difundir a importância da construção de um turismo que visa a inclusão.

### **1.3 Breve descrição do local de estudo**

Paranapiacaba, que em tupi-guarani significa “lugar de onde se vê o mar”, devido à visão que os povos indígenas tinham quando passavam no local, é uma vila que pertence ao município de Santo André (SP) e tem sua história ligada à construção de uma ferrovia.

A expansão do café e a necessidade de escoamento rápido do mesmo para o Porto de Santos foram os fatores que impulsionaram a construção da ferrovia que mais tarde receberia o nome de Ferrovia Santos-Jundiaí. A partir de 1850, o Barão de Mauá em parceria com os ingleses – que tinham experiência nesse tipo de construção começou a executar o projeto e em 26 de abril de 1856 a empresa inglesa São Paulo Railway Co, SPR recebeu a concessão para a construção e exploração da ferrovia por 90 anos, iniciando suas obras em 1860.

A partir de 1896, começaram as obras de duplicação da ferrovia, assim como também a reestruturação da vila. Mas em 1946, terminado o período de concessão da São Paulo Railway Co., inicia-se a decadência da vila.

Com o término da atividade econômica gerada pela ferrovia, muitos moradores deixaram a Vila em busca de outras oportunidades, e as casas que estavam vazias, começaram a ser ocupadas por pessoas que vieram de fora, e que não tinham vínculo com o local e sua história.

Devido aos problemas apresentados como, a degradação da área natural e do núcleo urbano, foram iniciados alguns movimentos para tentar recuperar a Vila. Um desses movimentos resultou na formação da Comissão Pró-Paranapiacaba, e no ano de 2002 foi divulgado o Plano Patrimônio – Paranapiacaba, um Plano de Desenvolvimento Turístico que visava o desenvolvimento do turismo na região.

Em 1987, o núcleo urbano, os equipamentos ferroviários e a área natural de Paranapiacaba foram tombados pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo e pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2002.

A Vila de Paranapiacaba tornou-se um centro turístico que atrai visitantes devido ao seu patrimônio histórico – arquitetura com influências britânicas, ferrovia importante para o período do café e tecnologia avançada para a época e também pelas suas belezas naturais como a Mata Atlântica. Ocorrem no local, atividades de lazer, pesquisa, educação e principalmente o

ecoturismo, que é praticado nas várias trilhas que cortam a Serra do Mar e que é a atividade mais procurada pelos turistas.

A subprefeitura de Paranapiacaba, tem um programa que visa a inclusão da população local na oferta do turismo. O “Programa de Geração de Renda e Emprego”, oferece cursos de capacitação e outras atividades para os moradores que desejam se inserir no turismo.



Figura 1 – Mapa de localização de Paranapiacaba  
Fonte: Grabner, 2006, p. 33.

## 1.4 Objetivos da Pesquisa

Para esta pesquisa são propostos os seguinte objetivos:

### I. Objetivo Geral

Elaborar um plano de diagnóstico e planejamento participativo do turismo para a Vila de Paranapiacaba (SP).

## II. Objetivos específicos:

- Sensibilizar a população quanto à realização de um turismo comunitário;
- Levantar e avaliar o grau de interesse da comunidade em relação ao modelo de turismo comunitário;
- Propor estratégias para aumentar o grau de participação da comunidade;
- Auxiliar na realização de um Diagnóstico Rápido Participativo com enfoque no turismo na Vila de Paranapiacaba.

### 1.5 Justificativa

O debate sobre a inclusão da população local através do turismo está ganhando um espaço cada vez maior, onde pesquisas relacionadas ao assunto e eventos servem para troca de idéias e experiências. Como resultado desse movimento, tivemos o I Seminário Internacional de Turismo Sustentável no ano de 2003, no Ceará.

Neste evento discutiu-se sobre as vantagens do turismo comunitário, apontando para o fato de que o turismo tem que ser responsável e sustentável, viabilizando, dessa forma, o processo de inclusão da comunidade. Isto demonstra a necessidade de especialistas e pessoas engajadas capazes de desenvolver meios e instrumentos para a realização dessa proposta, que é nova e portanto há uma ausência de relatos e pesquisas de campo que venham a analisar sua efetividade.

Quando há estes relatos e pesquisas, estes não descrevem com pormenores os instrumentos e metodologias participativas utilizadas por uma comunidade, como é o caso da Prainha do Canto Verde – Beberibe (CE), um local que já se transformou em modelo internacional de turismo comunitário, mas que não foi estudado sob a perspectiva adotada neste projeto.

Os únicos documentos de que se tem notícia sobre processos participativos em turismo são prescritivos, como o *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária* (SYLVIA, 2003), que aponta meios para o planejamento participativo, porém com pouca análise de campo, apesar de

estar baseado em práticas de diferentes comunidades do Brasil e ser a maior referência sobre planejamento e gestão do turismo comunitário.

Uma boa referência em processos participativos, uma das poucas em português, é o livro *Metodologia Participativa* (BROSE, 2001). A exceção relacionada à demonstração de técnicas utilizadas no método participativo de planejamento e gestão é o livro *Enfoque participativo: Um processo de mudança: conceitos, instrumentos e aplicação prática*, que demonstra o que foi realizado nas oficinas de sensibilização e conscientização do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, portanto com um enfoque na sensibilização e não no planejamento ou gestão participativa (CORDIOLI, 2001). Temos então uma grande ausência de trabalhos sobre a questão do planejamento e gestão participativa do turismo.

É nesse momento que a pesquisa ganha enorme importância, porque é através dela que poderemos refletir sobre as experiências em andamento e conseqüentemente propor projetos e ações.

O local escolhido para a pesquisa, a Vila de Paranapiacaba, foi e continua sendo alvo de vários estudos. Isto se dá devido a diversidade existente na Vila, que possui vários tipos de patrimônio - histórico, arquitetônico, tecnológico e natural, num só local, além de ser um destino turístico. A maioria dos estudos estão relacionados às áreas de arquitetura e urbanismo, biologia e jornalismo. A produção de trabalhos relacionados ao turismo ainda é incipiente e os existentes tem focos diferentes.

Baseando-se nesta discussão, foi realizada uma pesquisa na Vila de Paranapiacaba e elaborado um diagnóstico sobre a participação da comunidade no planejamento e gestão do turismo. Foi possível constatar por meio do referido estudo que a atividade turística na Vila de Paranapiacaba pode ser apontada como um instrumento de inclusão social, a partir do momento que o Programa de Geração de Renda e Emprego, implantado pela prefeitura, possibilita a qualificação profissional dos autóctones e sua inserção no mercado de trabalho local. Mas também foi possível verificar que o poder de decisão da comunidade, relacionado ao processo de planejamento do turismo, ainda é muito restrito, cabendo à mesma ter somente o papel de órgão consultivo, o que de acordo com a escada da participação cidadã proposta por ARNSTEIN (2002) é considerado um nível mínimo de concessão de poder. Esta realidade é um entrave ao desenvolvimento com vista ao planejamento e gestão participativa do turismo e isso pode ser confirmado por meio do discurso prestado pela parcela da população que colaborou com a

pesquisa, que se mostrou insatisfeita com essa limitação de participação estabelecida pelo poder público local.

Após essa análise, verificou-se que seria necessário realizar um estudo mais aprofundado das relações com o turismo desenvolvidas na comunidade, assim como suas formas de organização espacial e social, para que pudessem surgir propostas condizentes com a realidade do local.

## **1.6 Delimitação da discussão**

A questão abordada neste trabalho, a inclusão da população local no desenvolvimento do turismo, pode ser analisada de vários pontos de vista, pois como explicado anteriormente, está ligada a várias áreas do conhecimento. Dessa forma, se adequa a vários tipos de estudos desde quantitativos, qualitativos ou que envolvem os dois métodos. A análise realizada neste trabalho pretende ser de ordem social apesar de ser introduzido no desenvolvimento do mesmo uma breve discussão relacionada a políticas públicas.

## Capítulo 2: Como se dá a participação?

Para entender um pouco do contexto em que a proposta deste trabalho está inserida, torna-se necessário uma análise das variáveis que estão contidas na discussão, assim como, ter contato com alguns conceitos que estão interligados ao mesmo.

Primeiramente, será tratada a questão da participação, com a apresentação de algumas definições e formas em que ela se dá. A partir daí, haverá uma explanação sobre planejamento participativo e turismo comunitário. Além disso, será apresentada uma breve discussão sobre o Plano Nacional de Turismo, implantado em 2003 e o Programa de Regionalização do Turismo, que faz referência à participação.

### 2.1 A questão da Participação

Utilizado como base e sustentáculo de toda a trajetória percorrida durante a realização da pesquisa, a participação é mais do que um termo, faz parte de um processo na vida social.

Assim, “a participação é o próprio processo de criação do homem ao pensar e agir sobre os desafios da natureza e sobre os desafios sociais, nos quais ele próprio está situado. Como tal, é um processo dinâmico e contraditório” (SOUZA, 2004, p. 81).

Existem diferentes conceitos de participação onde, são defendidos diferentes pontos de vista, de acordo com a concepção de cada autor que trabalha o assunto.

De acordo com Bordenave:

A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros (BORDENAVE, [20 --], p. 16).

Bordenave defende que a participação é inerente ao ser humano, constituindo-se uma necessidade básica e natural do homem se expressar e se auto-afirmar.

Uma outra definição é apresentada por Dias quando exprime que:

[...] a participação deve ser vista como um processo em que o grau de participação em função da experiência adquirida, o conhecimento dos mecanismos participativos e o aumento da interação dos agentes sociais envolvidos provocam, naturalmente, maior envolvimento popular nas decisões tomadas que orientam o futuro de determinada comunidade (DIAS, 2003, p.114).

Portanto, nessa afirmação, percebe-se que a participação assume um papel de agente social que possibilita transformações concretas na realidade, a partir do nível de conhecimento e envolvimento da comunidade.

Numa análise mais crítica, segundo Gandin:

A participação é, contudo, hoje, um conceito que serve a três desastres extremamente graves: a manipulação das pessoas pelas “autoridades”, através de um simulacro de participação; a utilização de metodologias inadequadas, com o conseqüente desgaste da idéia, e a falta de compreensão do que seja realmente a participação (GANDIN, 1994, p. 56).

Observa-se nessa definição que a participação seja ainda algo incompreendido e que necessita de metodologias adequadas para dinamizar o processo e validar o objetivo a que se destina.

A sociedade contemporânea está apresentando lacunas relacionadas ao desenvolvimento proposto pelas políticas estabelecidas pelo sistema vigente, ou seja, a lógica do capitalismo e da globalização está criando novas demandas sociais, visando a construção de novos paradigmas para o enfrentamento dos desafios que estão por vir. Neste momento, a participação, mais do que simples objeto de pesquisa e discussão, está começando a ser vista como um importante fator de contribuição para esse processo de mudança, principalmente relacionado às áreas econômicas e sociais.

Isto demonstra Souza quando diz que :

A participação supõe a criação do homem para o enfrentamento dos desafios sociais. Esse processo de criação e enfrentamento resulta em dada realidade de consumo ou usufruto de bens, assim como numa dada realidade de funções e decisões que caracterizam fins sociais a serem alcançados (SOUZA, 2004, p. 82).

Resultado de todo esse processo, são as diretrizes que estão tomando as novas políticas ao definirem a inclusão dos cidadãos nos debates, formulações e construções de assuntos que antes só diziam respeito aos governantes. Temos alguns exemplos concretos que estão presentes em muitos municípios brasileiros, como é o caso do Orçamento Participativo e do Plano Diretor Participativo.

Essas ações demonstram que a participação dos cidadãos começa a ser exercida, mas não significa que ela seja respeitada na sua forma mais singular, pois há processos participativos que são apenas máscaras utilizadas para esconder a realidade ou para uso de manobra de dada população. Assim, “ela [a participação] pode se implantar tanto com objetivos de liberação e igualdade como para a manutenção de uma situação de controle de muitos por alguns.” (BORDENAVE, [20--], p. 12)

Questões múltiplas estão associadas à definição e redefinição do termo participação e dessa forma, vai se desenhando o mapa participativo, seja através da contribuição de vários pesquisadores, da formulação de políticas públicas e privadas e do próprio povo, através de movimentos sociais, que exigem fazer parte da democracia e contribuir com a transformação social.

Segundo Souza:

A nível dos movimentos sociais, o traço comum da participação é o exercício coletivo da tomada de decisões e da gestão das ações definidas e implementadas pela população comunitária. É, também, o exercício de articulação de forças sociais comuns, dentro e fora da comunidade (SOUZA, 2004, p. 16).

Com o empoderamento de grupos que se articulam e lutam por um espaço condizente de participação em tais processos, começou a emergir o que foi classificado como 3º setor da sociedade.

Abaixo veremos, como pode ser classificada, de acordo com Kisil (2005), a ação do Terceiro Setor em relação aos outros setores da sociedade.

**Tabela 1. Abordagens combinadas para o desenvolvimento da comunidade**

	Governo	Mercado	Terceiro Setor
Mecanismo principal	estruturas democráticas	interações de mercado	associações voluntárias
Tomada de decisão	funcionários eleitos, administradores	produtores individuais, consumidores, investidores	líderes e membros
Guias para comportamento	regulamentos	preços	acordos
Crítérios para tomada de decisão	política	eficiência	interesse dos membros
Modo de operação	de cima para baixo	individualista	de baixo para cima

Fonte: Kisil, 2005, p. 137.

O autor demonstra que o Terceiro Setor, constituído por ações voluntárias, é regulado por líderes e membros que decidem por meio de acordos, o que são de interesse do grupo, ou seja, de acordo com as necessidades e concepções do mesmo, e que as operações são realizadas de baixo para cima, ou seja, o cidadão pressiona o governo e luta para ter suas reivindicações atendidas e uma maior participação no processo.

É importante destacar que atualmente, o Terceiro Setor está se fortalecendo e ganhando credibilidade devido a resultados apresentados em algumas áreas.

## **2.2 Diferentes formas de participação**

A participação assume diferentes papéis, definidos de acordo com a ideologia ou processo pelo qual está sendo utilizado. Existem diferentes níveis de participação, com isso, “Participação pode variar desde estar apenas informado, receber benefícios materiais, até o empoderamento através da participação completa na tomada de decisões e gerenciamento do projeto” (SCHMINK, 1999, p. 02).

Podemos analisar o grau de participação de acordo com o modelo de classificação proposto por Sherry Arnstein na sua denominada “Escada da participação cidadã” que se encontra abaixo:

**Tabela 2. Oito degraus da escada da participação cidadã segundo Arnstein (2002)**

8	Controle cidadão	Níveis de poder cidadão
7	Delegação de poder	
6	Parceria	
5	Pacificação	Níveis de concessão mínima de poder
4	Consulta	
3	Informação	
2	Terapia	Não-participação
1	Manipulação	

Fonte: Arnstein, 2002, p. 5.

Como podemos observar, a escada da participação cidadã possui oito degraus que representam o nível de poder adquirido, sendo que estes estão divididos em três grupos definidos como: não- participação, níveis de concessão mínima de poder, e níveis de poder cidadão.

Os modelos utilizados nos processos de planejamento tradicional não dão abertura para participação, valorizando somente o parecer técnico sobre o assunto que está em questão. A opinião, experiência e conhecimento das pessoas que estão inseridas nos locais ou situações envolvidas neste quadro de intervenções, geralmente não são levantadas nem tampouco respeitadas.

Quando há a presença de espaços de discussões, os projetos são apresentados prontos, com o intuito de inclusão da população somente na implementação do mesmo, ou seja, negligencia-se a participação nos estágios iniciais e operacionais dos projetos.

De acordo com Irving:

As vantagens comparativas da participação nos estágios iniciais de concepção de um projeto de desenvolvimento são inúmeras, a começar pelo saber compartilhado da problemática local e pela identificação de necessidades essenciais a serem incorporadas na visão de projeto. Assim, o processo participativo, nesse estágio, é capaz de nortear o *timing* do projeto e sua adequação ao tempo de resposta do beneficiário (IRVING, 2002, p. 43).

O envolvimento dos beneficiários na elaboração de projetos é um meio de compatibilizar o conhecimento das partes envolvidas no trabalho, demonstrar transparência e motivar a participação.

Além de se apresentar em vários níveis e estágios, a participação pode se dar como um meio para se alcançar algo ou como um fim a ser atingido.

De acordo com Kisil:

A participação também pode ser vista como um fim em si mesmo. A ênfase é então colocada na participação como um processo no qual a confiança e a solidariedade entre as pessoas são estabelecidas. Não é vista meramente como uma técnica de gerência mas, pelo contrário, como um meio de capacitar as pessoas a se tornarem mais diretamente envolvidas no desenvolvimento. De modo mais geral, a participação como um fim em si mesmo pressupõe o estabelecimento da influência ou envolvimento de baixo para cima, para realizar a mudança nos sistemas sociais existentes (KISIL, 2005, p. 149-150).

A participação como um meio é limitada pois, não envolve oportunidades de influenciar nas tomadas de decisões. Mais adequada é a participação como um fim, porque fortalece o grupo e possibilita o controle do processo pelo mesmo, que é denominado de autogestão.

### **2.3. Turismo comunitário e planejamento participativo**

Nos projetos de desenvolvimento turístico é imprescindível a participação efetiva dos residentes locais em todas as suas etapas, pois esses atores conhecem as reais necessidades de sua comunidade e têm o direito de usufruir dos benefícios do turismo.

É neste momento que se destaca a importância do Turismo Comunitário que Coriolano classifica como:

[...] aquele em que as comunidades, de forma associativa possuem o controle efetivo das atividades econômicas associadas à exploração da atividade turística, desde o planejamento ao desenvolvimento e gestão das atividades e assim conseguem melhorar suas economias. Por meio do envolvimento participativo realizam variados projetos que, além de garantir a melhoria de suas condições de vidas, preparam as condições para receber visitantes e turistas. O turismo comunitário é realizado de forma integrada às demais atividades econômicas, com iniciativas que fortalecem a agricultura, a pesca artesanal e o artesanato. Prioriza a geração de emprego e renda para os residentes nas comunidades, os pequenos empreendimentos locais, a dinamização do capital local, a garantia da participação de todos, dando espaço às mulheres e aos jovens. Assegura a participação das comunidades com o planejamento descentralizado e com o desenvolvimento de uma política de turismo em bases locais (CORIOLANO, 2003, p. 10-11).

Turismo Comunitário é, portanto, um modelo de turismo onde existe a preocupação com a preservação e valorização do ambiente natural e cultural e a participação dos beneficiários nas tomadas de decisão e na administração e gestão da atividade. Portanto, nesta forma de turismo, o planejamento participativo, dispensando por ora uma discussão sobre as diferentes formas em que este pode acontecer, é indispensável.

A partir da análise de Gandin:

O planejamento participativo parte de uma leitura do nosso mundo na qual é fundamental a idéia de que nossa realidade é injusta e de que essa injustiça se deve à falta de participação em todos os níveis e aspectos da atividade humana. A instauração da justiça social passa pela participação de todos no poder. Isto quer dizer que a construção de uma sociedade nova, a superação da crise, se quisermos seguir no mesmo modo de falar, passa pela participação de todos. Esta participação significa não apenas contribuir com uma proposta preparada por algumas pessoas, mas representa a construção conjunta [...] Significa, também, a participação no poder que é o domínio de recursos para realizar sua própria vida, não apenas individualmente, mas grupalmente. O planejamento participativo é o modelo e a metodologia para que isto aconteça. (GANDIN, 1994, p.28-29).

Afora o utopianismo em muitos discursos como o acima, o planejamento participativo é um instrumento que possibilita o envolvimento de todos os indivíduos na organização, desenvolvimento ou construção de algo importante e de interesse do grupo. É através dele que se pode decidir por exemplo qual é o tipo de turismo adequado para o local, quais são os cursos necessários para a qualificação profissional dos membros da comunidade e o que se espera dessa atividade, entre outras propostas e decisões.

Ainda segundo Gandin:

[...] o planejamento participativo, enquanto instrumento e metodologia, isto é, enquanto processo técnico, abre espaços especiais para a questão política. As questões da qualidade, da missão e, obviamente, da participação são especialmente valorizadas. Mais do que isto, assumem um caráter de proposta de futuro para a instituição que se planeja, onde está contido um ideal do campo de ação da instituição. No que ele tem de modelo, além da metodologia participativa, este esquema alcançou integrar, na prática, o operacional e o estratégico, organizando-os num todo que se constitui no que Paulo Freire chama de processo de ação-reflexão (GANDIN, 1994, p. 29).

Entretanto, para se trabalhar propostas que atendam as demandas comunitárias que têm interesses de adesão a esse processo participativo, temos que considerar métodos que sirvam de instrumentos para a construção dessas mudanças.

## **2.4 Metodologia Participativa**

A metodologia participativa utiliza várias técnicas que visam inserir os participantes no processo de decisão, despertando o aprendizado e a consciência sobre a importância da participação.

Algumas técnicas e instrumentos que facilitam o processo participativo podem ser observados através dos livros: *Enfoque participativo: Um processo de mudança: conceitos, instrumentos e aplicação prática* e *Metodologia Participativa*, além da apostila do curso do Programa Participativo da Associação Brasileira de Desenvolvimento de Lideranças – ABDL.

Essas técnicas e instrumentos serão apresentados a seguir, em forma de tópicos, para possibilitar um melhor entendimento.

- *Diagnóstico Rápido Participativo*

O Diagnóstico Rápido Participativo – DRP, é um método utilizado em processos participativos para levantar a realidade sobre determinada situação e/ou local.

- *Visualização Móvel*

Esta técnica foi desenvolvida por uma empresa de consultoria alemã – METAPLAN GmbH, no início dos anos setenta com o intuito de facilitar o trabalho com grupos e equipes, melhorando a forma de comunicação.

A Visualização Móvel consiste em um meio flexível, onde os participantes têm a liberdade para expor suas idéias de forma anônima, visualizar durante todo o período de trabalho as idéias de todos os participantes e facilitar a participação individual ou do grupo.

O procedimento para a utilização da Visualização Móvel se dá da seguinte forma: nas tarjetas que são confeccionadas com cartolina e têm diferentes formatos, tamanhos e cores, são registradas as informações. Cada participante ou grupo, recebe uma quantidade de tarjetas para registrar as respostas que forem solicitadas pelo moderador. Depois disso, as tarjetas são colocadas em um painel que pode ser de tecido ou papel, através de alfinetes ou uso de cola spray no caso do tecido.

A Visualização Móvel pode ser utilizada aliada a outras ferramentas do processo participativo.

- *Sensibilização*

É o início do processo participativo, onde será apresentado à comunidade ou grupo do local a ser trabalhado o objetivo do diagnóstico e a importância de sua participação.

Para sensibilizar as pessoas é necessário abordá-las e marcar um horário que seja conveniente a elas, para explicar o trabalho que será desenvolvido assim como os objetivos do mesmo, e pedir a sua colaboração.

- *Problematização*

É uma forma de incitar a discussão sobre determinado assunto e transformar em pergunta o tema a ser debatido.

A Problematização por meio de perguntas orientadoras gera a reflexão, ajuda na interação e na mobilização das experiências e idéias expostas pelos participantes.

- *Coleta de Idéias (Brainstorming)*

Utilizada para coletar e ordenar idéias que estejam relacionadas com o tema discutido. Pode ser realizada de várias maneiras como: procedimento indutivo, dedutivo, associativo, sequencial, de visualização simultânea, etc.

- *Diagrama de Venn*

É um exercício para o entendimento das relações entre a comunidade, seus parceiros e o poder público local, além de distinguir o quanto a comunidade se sente próxima ou distante dessas entidades e onde estão e quem são ou podem ser os possíveis parceiros.

- *Realidade-Desejo-Como*

Consiste numa técnica de investigação onde a comunidade analisa a situação local existente (realidade), aponta o ideal a ser conquistado (desejo) e propõe possíveis estratégias para se chegar ao ideal (como). Esta técnica se utiliza de visualização móvel por tarjetas onde as idéias são escritas. A mobilidade da visualização das tarjetas dar-se-á por meio do uso de um tecido com cola adesiva spray, que permite colar e descolar as tarjetas facilmente.

- *Trabalho em Pequenos Grupos*

Tem como objetivo gerar uma discussão mais ampla e consistente das idéias, assim como, aumentar o intercâmbio e a confiança mútua entre as pessoas e melhorar a produtividade dos trabalhos. Além disso, permite realizar análises mais específicas e com maior profundidade e contribui para a utilização eficiente do tempo.

## **2.5 O Plano Nacional do Turismo (2003-2007) e o Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes voltadas à inclusão**

Com a criação do Ministério do Turismo em 2003, o turismo surge como um elemento importante para o desenvolvimento socioeconômico do país. O Plano Nacional de Turismo, lançado também em 2003, tem embasamento em algumas premissas que visam um ordenamento estratégico da atividade e a geração de divisas e oportunidades. Algumas dessas premissas são relacionadas com a discussão apresentada neste trabalho e merecem destaque porque fazem referência à: “parceria e gestão descentralizada; inovação na forma e no conteúdo das relações e interações dos arranjos produtivos; o turismo como fator de construção da cidadania e de integração social” (Ministério do turismo, 2003).

A partir das orientações do Plano Nacional do Turismo, foi desenvolvido o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil que tem como foco atender a demanda de mercado e promover a inclusão social por meio da atividade turística. Milton Zuanazzi, secretário Nacional de Políticas do Turismo da época, destacou que: “nesse processo, foi dada especial atenção para que os benefícios atribuídos à economia de mercado tivessem o foco nas populações locais e fossem distribuídos de maneira equitativa, para que a interdependência cada vez maior opere em favor da inclusão social” (Ministério do Turismo, 2003).

De acordo com a base conceitual do programa, “regionalização do turismo é um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada, baseada nos princípios da flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e na sinergia de decisões” (Ministério do Turismo, 2003).

A notoriedade e importância que o turismo vem adquirindo nestas últimas décadas no Brasil estão diretamente relacionadas a oportunidades de crescimento e desenvolvimento econômico do país. Lançados os novos paradigmas da era da globalização e a presente preocupação com os recursos naturais e a herança das futuras gerações, passa-se a refletir sobre as necessidades de valorização das características culturais e naturais locais, assim como sua sobrevivência. É a partir desse momento que questões como sustentabilidade, inclusão social e participação começam a emergir nos cenários de debates acadêmicos e são incorporadas em discursos políticos, colaborando com a formulação de políticas públicas para o turismo.

A percepção da necessidade de envolvimento dos autóctones na atividade turística está sendo observada e sugerida não só pelos estudiosos mas também pelo próprio governo que tem incluído essa pauta nas políticas ministeriais do turismo. Esta abertura é uma oportunidade para as populações locais se apoderarem de seus bens e promover o desenvolvimento local, demonstrando que são capazes de viabilizar a sustentabilidade.

As estratégias definidas pelo Programa de Regionalização do Turismo apontam para formas de planejamento e gestão integrados com todos os atores sociais envolvidos, principalmente a comunidade. De acordo com o Programa, a gestão deve ser coordenada e possibilitar:

A formação de parcerias com vistas ao compartilhamento de propostas, responsabilidades e ações envolve os governos federal, estaduais e municipais, bem como a criação de instâncias que promovam a integração destes à comunidade nas etapas de planejamento, implementação e avaliação. Para efetivar tal proposta, o Programa está estruturado como uma unidade de coordenação nacional, apoiada em instrumentos metodológicos e em um sistema de informação, indispensáveis para a ação descentralizada (<http://200.189.169.135/regionalizacao/> Acesso em: 05/04/06).

Além disso, o planejamento deve ser integrado e participativo destacando que:

A ação pública, seja ela estatal ou privada, demanda espaços de participação política que articulam as potencialidades do conjunto dos setores sociais e econômicos envolvidos no processo de organização e gestão do território, além de possibilitar nova cultura de relacionamento. Viabilizar a elaboração de planos estratégicos de desenvolvimento do turismo regional, de forma participativa, significa democratizar os espaços e os mecanismos de representação política da sociedade civil, permitindo as mudanças estruturais almejadas (<http://200.189.169.135/regionalizacao/> Acesso em: 05/04/06).

Fica claro que o instrumento para tornar a atividade turística um dos meios de inclusão social é permitir a participação da comunidade local nos processos de planejamento, gestão e avaliação da atividade. Mas é preciso subsídios para que esta proposta seja efetivada, “ou seja, a participação, para ser efetiva, deve estar acompanhada de boa administração pública, preocupada com o bem-estar da comunidade, e envolvida em projetos e programas voltados para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da localidade” (Dias, pág. 114-115).

## **2.6 Experiências e projetos de envolvimento comunitário**

Existem algumas experiências e projetos relacionados ao turismo, onde a participação comunitária esta sendo estimulada e desenvolvida. Segue abaixo, dois exemplos de projetos em andamento.

### **2.6.1 Projeto Turismo Sertanejo**

O projeto Turismo Sertanejo, uma iniciativa para desenvolver o semi-árido nordestino, visa o desenvolvimento socioeconômico das regiões onde ele é executado.

O objetivo do Projeto é “promover uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos físicos, biológicos, sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, científicos e éticos”. ([www.turismosertanejo.com.br](http://www.turismosertanejo.com.br). Acesso em 21/04/07)

Uma das características do projeto é a participação integrada da comunidade residente na oferta do turismo.

### **2.6.2 Projeto Natureza Turística de Rosana – NATUR**

O projeto Natureza Turística de Rosana – NATUR, vem sendo desenvolvido no Município de Rosana (SP) com enfoque no planejamento participativo e tem como objetivo a “criação de produtos turísticos gerando trabalho e renda com base na prática do turismo sustentável, promovendo a educação ambiental e o lazer”.

O projeto está no início e tem algumas parcerias, além dos 23 piloteiros beneficiários que fazem parte de todo o processo de planejamento, e estão se preparando para realizar a monitoria e avaliação dos resultados.

## **Capítulo 3: Metodologia**

Este estudo denomina-se por pesquisa qualitativa, combinada com investigações bibliográficas e estudo de caso.

A base teórica foi obtida de livros, artigos e trabalhos científicos e páginas eletrônicas, que apresentaram temas como participação, planejamento participativo, turismo comunitário, metodologias participativas, diretrizes políticas para o turismo e a Vila de Paranapiacaba, pertinentes para a formulação da discussão. Além disso, foi possível cursar a disciplina Planejamento e Gestão Participativa durante o segundo semestre de 2006, pela qual foi possível obter conhecimento sobre algumas técnicas utilizadas em processos participativos, além de colocá-las em prática durante as aulas. Também foram vistos a estrutura e os passos necessários de um evento participativo, assim como a forma de planejá-lo, organizá-lo e desenvolvê-lo.

O estudo de caso foi realizado por meio de visitas a campo, participação em uma reunião da Gerência de Turismo, entrevistas com o grupo que colaborou com a pesquisa e com a Gerência de Turismo, e reuniões para a elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo.

As reuniões para elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo, foram registradas com um gravador de áudio Sony M-437, e as transcrições das falas aparecem neste trabalho em anonimato para resguardar os colaboradores da pesquisa.

### **3.1 Visitas a campo**

Foram realizadas três visitas à Vila de Paranapiacaba para conversar com as pessoas que demonstraram na pesquisa anterior, realizada entre os anos de 2005 e 2006, e que tinha como objetivo apontar e avaliar instrumentos específicos de planejamento e gestão participativa em turismo, interesse em aumentar o grau de participação no planejamento e gestão do turismo local e também para realizar a mobilização e sensibilização destas pessoas que se tornaram os colaboradoras na elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo.

Na primeira visita, ocorrida no dia seis de setembro de 2006, foram entregues a estas pessoas, individualmente, o relatório da pesquisa realizada anteriormente e a nova proposta de pesquisa, que se apresenta nesse trabalho. Além disso, foram explicados os objetivos do trabalho e a necessidade e importância de se iniciar um processo participativo no local. Após essa

exposição, foi perguntado se as mesmas tinham conhecimento sobre o modelo de turismo comunitário e se aceitavam participar do processo de elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo.

Após o recebimento da resposta, na qual as nove pessoas entrevistadas aceitaram o convite, foram distribuídos dois textos para cada uma, falando sobre o conceito de participação. São eles: *Alguns princípios de participação* e *Afinal, o que é participação?*

O primeiro foi retirado do livro “O que é participação?” que apresenta um panorama geral sobre participação, desde seu conceito até as formas que ela se dá. O segundo foi extraído da revista “Participe” que é de uma associação que prega o direito à participação.

Na segunda visita, no dia dez de outubro de 2006, foram distribuídos dois textos falando sobre os tipos e os graus de participação em um processo. São eles: *Uma escada da participação cidadã* e *Uma revisão dos conceitos de autogestão e participação com relação a populações de baixa renda*, ambos da revista “Participe”

Na terceira visita, no dia vinte e um de dezembro de 2006, foram distribuídos dois textos sobre turismo comunitário. São eles: *O desenvolvimento voltado às condições humanas e o turismo comunitário* e *O ecoturismo comunitário como forma de inclusão social*.

O primeiro foi retirado do livro “Turismo Comunitário e Responsabilidade Socioambiental” que gera uma reflexão sobre o turismo como forma de inclusão social. O segundo é o resumo da palestra proferida pela Prof<sup>a</sup> Dr. Luzia Neide M. T. Coriolano, durante um evento científico sobre turismo.

Esse material foi escolhido porque serviu de base para as discussões que foram realizadas durante o processo de elaboração do DRP, onde é imprescindível o conhecimento dos termos e questões que foram abordadas, para a estruturação do debate e do trabalho a ser desenvolvido.

### **3.2 Participação em reunião da Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba com os empreendedores locais**

No dia vinte e um de dezembro de 2006, fui convidada por um dos colaboradores da pesquisa para participar da reunião que foi realizada pela Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba com os empreendedores locais.

A pauta da reunião foi a 2ª fase do Programa de Qualificação dos Serviços Turísticos de Paranapiacaba, que foi implantada a partir de janeiro de 2007 e os fóruns de discussão que foram iniciados no mês de fevereiro.

O programa de qualificação tem como objetivo a melhoria da qualidade dos serviços dos empreendimentos turísticos da Vila de Paranapiacaba. É uma certificação que traz como símbolo um vagão de trem, que representa a história da Vila (vide anexo 7).

A retomada do programa de qualificação, que estava parado há algum tempo, foi uma iniciativa do novo gerente de turismo da Vila.

As atividades propostas para a avaliação dos serviços oferecidos pelos empreendimentos estão divididas em participação em cursos relacionados ao turismo, visitas técnicas e avaliação prática dos serviços, autoavaliação, avaliação do turista e avaliação do envolvimento com o programa de qualificação (vide anexo 8).

Além disso, foram iniciados três fóruns de discussão, que estão organizados da seguinte forma:

- ◆ Gastronomia e hospedagem;
- ◆ Arte e artesanato;
- ◆ Associações, agências e afins.

Esses fóruns têm como objetivo estimular o debate entre os atores que estão envolvidos com o turismo na Vila e também entre os próprios moradores que queiram participar, possibilitando a administração dos conflitos e a maximização da qualidade dos serviços.

Todas as atividades citadas acima estão sendo realizadas em parceria com a universidade Anhembi Morumbi, que disponibilizará docentes e discentes para a realização do trabalho.

### **3.3 Elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo**

Foram realizadas três reuniões com o objetivo de elaborar o Diagnóstico Rápido Participativo. Nestas reuniões, que foram registradas com um gravador de áudio Sony M-437, foram empregadas técnicas utilizadas neste tipo de diagnóstico. Entre essas técnicas, utilizou-se nesta pesquisa: entrevista semi-estruturada, realidade-desejo-como, eleição de prioridades e diagrama de Venn.

As entrevistas semi-estruturadas são entrevistas informais baseadas em lista flexível de temas/tópicos e nestas entrevistas foram abordadas questões relacionadas ao grau de conhecimento e de interesse da população referente ao termo participação e ao modelo de turismo comunitário. Ainda durante a entrevista foi perguntado se este novo modelo de turismo poderia ser implantado, seja a médio ou longo prazo, na Vila de Paranapiacaba. Além disso, outros tópicos também foram questionados, como a possibilidade de parcerias e a criação de associações ou cooperativas.

O procedimento realidade-desejo-como, consiste numa técnica de investigação onde a comunidade analisa a situação local existente (realidade), aponta o ideal a ser conquistado (desejo) e propõe possíveis estratégias para se chegar ao ideal (como). Esta técnica se utiliza de visualização móvel por tarjetas onde as idéias são escritas. A mobilidade da visualização das tarjetas dar-se-á por meio do uso de um tecido com cola adesiva spray, que permite colar e descolar as tarjetas facilmente.

Para isso foi estendido na parede um tecido colorido com dois metros de comprimento por um e quarenta de largura, onde posteriormente foi aplicado um adesivo spray para fixar as tarjetas confeccionadas de cartolina. Para iniciar o processo, foi realizada uma apresentação da pesquisa em andamento e depois colocado no painel o objetivo do trabalho: “Elaborar um diagnóstico rápido participativo”. Foi explicado que esse diagnóstico seria um levantamento da realidade local, principalmente relacionada ao turismo e às relações existentes na comunidade, e no que consistia um diagnóstico rápido participativo. Além disso, também foi enfatizado a importância da participação das pessoas que estavam presentes, pois, as mesmas estavam representando a comunidade.

Depois de finalizado este processo, a comunidade apontou os problemas mais urgentes, avaliando as reais necessidades da Vila e sinalizando as prioridades a serem trabalhadas, além de elegerem por meio da Eleição de Prioridades, o ideal a ser conquistado.

Além disso, foi possível utilizar o diagrama de Venn, técnica que consiste em exercício para o entendimento das relações entre a comunidade, seus parceiros, e o poder público local, além de distinguir o quanto a comunidade sente-se próxima ou distante dessas entidades e onde estão e quem são os possíveis parceiros dela no setor do turismo.

Depois de realizados os procedimentos necessários descritos acima, foi elaborado um relatório referente ao trabalho proposto, que servirá de registro de informações para a comunidade, assim como também uma ferramenta para a proposição de um plano com um roteiro de atividades para o diagnóstico e o planejamento participativo do turismo na Vila.

### **3.4 Entrevista com a Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba**

Foi realizada uma entrevista, por meio de correio eletrônico, com a Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba, com o objetivo de conhecer o trabalho que está sendo desenvolvido em relação ao turismo.

Nessa entrevista, foram abordadas quatro questões distintas que contribuíram na reflexão sobre a realidade da Vila.

### **3.5 Análise de matéria de jornal**

Foi realizada uma análise de uma matéria sobre a Vila de Paranapiacaba, publicada no jornal “Diário do Grande ABC”, no dia 03 de setembro de 2006.

A questão abordada na matéria faz referência à sustentabilidade do local e aos programas implantados pela subprefeitura de Paranapiacaba.

## **Capítulo 4: Resultados e Discussão**

### **4.1 Resultados do Diagnóstico Rápido Participativo**

#### **4.1.1 Técnica Realidade-Desejo-Como**

Esta técnica tem como objetivo, fazer um levantamento dos problemas locais e das perspectivas de melhorias, assim como apontar estratégias para chegar aos resultados desejados.

Inicialmente, com o intuito de conhecer a realidade local, foi perguntado ao grupo:

##### **1. Qual a realidade, relacionada ao turismo, na Vila de Paranapiacaba?**

Em resposta a isso, foi respondido que a comunidade não tem união para lutar pelos objetivos comuns entre os quais se inclui a melhoria de infra-estrutura, está insatisfeita com a administração pública local, não se compromete com os projetos existentes e acaba transferindo esse sentimento para o turista que visita a Vila.

Foram apontados também problemas relacionados ao planejamento turístico como divulgação, definição do perfil do turista, ausência de informação e comunicação por parte da subprefeitura, métodos adequados de capacitação, formatação do produto turístico e patrimônio deteriorado. Além disso, problemas sociais como presença de famílias desestruturadas e que não têm comprometimento com a preservação da Vila, problema este relacionado à invasão ocorrida durante o período de decadência da Vila, quando as casas foram ocupadas por pessoas que vieram de outros locais em busca de moradia gratuita.

A fragilidade quanto à organização da comunidade pôde ser observada a partir do momento em que foi citada a transferência de toda a responsabilidade da comunidade para a subprefeitura e a ausência de um fórum representativo de moradores.

A próxima questão, que buscou identificar as perspectivas do grupo, foi:

## **2. Qual o ideal a ser alcançado para a Vila?**

Uma das maiores preocupações apresentadas pelo grupo foi a recuperação e administração do patrimônio existente, assim como as necessidades da comunidade atendidas, gerando satisfação e o comprometimento do morador pela Vila e uma maior conscientização e organização.

Relacionadas especificamente ao turismo, a transparência na divulgação do produto turístico, a definição do perfil do turista e a auto-gerência do turismo tendo a prefeitura somente como mediadora, foram as respostas apresentadas.

Alguns ainda gostariam que a Vila fosse mais organizada politicamente, houvesse um bom gerenciamento por parte da subprefeitura e a implantação de equipamentos de lazer voltados ao turismo.

E a última indagação, relacionada a estratégias de melhoria, se apresentou como:

## **3. Quais os meios para se alcançar estes ideais que foram apontados?**

Algumas ações foram definidas para obter as melhorias na vila, são elas:

- Buscar na iniciativa privada e programas internacionais recursos necessários para recuperação do patrimônio, assim como normatizar procedimentos de manutenção do mesmo.
- Implantar um método de capacitação por consultoria, o qual atenda as necessidades individuais de cada empreendedor.
- Trabalhar a base da família e promover o manejo e oferecer oportunidades para as pessoas que não gostam de morar na Vila.
- Colocar ação de responsabilidade em ação pública contra a PMSA\* devido aos problemas que estão ocorrendo com o patrimônio, como o incêndio de casas.

#### **4.1.2 Eleição de Prioridades**

Na Eleição de Prioridades, o grupo apontou as causas mais urgentes dentro da sua realidade e depois demonstrou quais seriam os desejos mais urgentes de serem atendidos.

Dentro da realidade, foram eleitos os seguintes problemas:

1. Patrimônio deteriorado
2. Comunidade insatisfeita
3. Não temos a formatação e a divulgação do produto turístico
4. Transferência de insatisfação para o turista
5. Mal gerenciamento por parte da prefeitura

Relacionados ao desejo, predomina a questão do patrimônio, como vemos a seguir:

1. Recuperação do patrimônio cultural
2. Restauração, revitalização e resgate dos patrimônios
3. Administração dos patrimônios através de uma fundação

Vemos que a Vila apresenta diversos problemas, de diversos tipos, mas a maior preocupação é com relação ao patrimônio existente, que está em risco.

#### **4.1.3 Diagrama de Venn**

O objetivo da utilização dessa técnica foi identificar os possíveis parceiros, os existentes e os que têm potencial para colaborar nos projetos de desenvolvimento da Vila, principalmente aqueles voltados ao turismo, e também analisar a relação do grupo em relação a esses parceiros e o poder público local.

Inicialmente foi perguntado ao grupo quem eram e quem poderiam ser estes parceiros.

Houve uma discussão entre os membros do mesmo, acerca do assunto, para definir em comum acordo os parceiros.

Realizado o levantamento, o grupo optou por distribuir os parceiros em seis grupos distintos. Depois disso, foi questionado o grau de importância de cada parceiro/grupo para os projetos. Abaixo estão apresentados os grupos de acordo com a importância de cada um:

- 1º) Fundações: Bradesco, Itaú-cultural, Roberto Marinho, União, Casas Bahia, Votorantim.
- 2º) Grandes empresas: Petrobrás, Petroquímica, Solvay, American Express, Nextel.
- 3º) MRS-Logística S/A.
- 4º) Ong's, empreendimentos e a comunidade local.
- 5º) Instituições Governamentais: Universidades, Conselhos de Defesa, Ministério Público, Instituto Florestal e Botânica, Secretaria e Ministério do Meio Ambiente e Turismo.
- 6º) Operadoras e agências de turismo: CVC, ABPF, Albergue de turismo, Programas de intercâmbio cultural.
- 7º) Outros parceiros: Indústrias de tintas, clubes, escola de idiomas, imprensa.

Terminado esse processo, foi necessário verificar a proximidade de cada parceiro em relação ao projeto. Então, foi pedido para uma pessoa do grupo, representando o mesmo e com a ajuda da opinião dos demais, colocar no painel as tarjetas com os nomes dos parceiros, de acordo com a distância que tem do projeto, que nomeamos como “O turismo que queremos”. Como pode ser visto no anexo 3.2, o grupo definiu que seu parceiro mais próximo é o grupo constituído por Ong's, empreendimentos e a comunidade local, pois o mesmo poderá dar suporte ao desenvolvimento de um turismo comunitário. Em segundo lugar estão as Instituições Governamentais e os outros parceiros, seguido pela MRS-Logística S/A.

As Grandes empresas, Operadoras e agências de turismo e as Fundações, respectivamente, são os parceiros mais distantes do projeto, porque seria, de acordo com o grupo, mais difícil contatá-los.

#### **4.1.4 Entrevista com os componentes do grupo que colaborou com a pesquisa**

Nas entrevistas, conforme anexo 4, que foram realizadas individualmente, foi possível levantar a opinião do grupo a respeito do modelo de turismo comunitário e o grau de interesse com relação ao mesmo, assim como a possibilidade de implantação deste modelo na Vila. Além disso, se pôde investigar sobre a importância da participação e também formas de organização.

De modo geral, a maioria do grupo considera que a participação é importante para um processo de mudança, inclusive a sua própria participação, e se sente preparada para contribuir com tal processo.

Com relação ao modelo de turismo comunitário, todos concordam que é um modelo bom e interessante porque é uma forma de unir a comunidade e promover a auto-gestão, mas, só poderia ser implantado na Vila a médio ou longo prazo devido à falta de organização da comunidade. Todos os entrevistados se mostraram interessados em conhecer, através de estudos de caso, outros locais que estão trabalhando com base neste modelo.

Quanto às possibilidades de parcerias, a maioria declarou que, no momento não há como efetivar parcerias para iniciar um processo de participação efetiva na comunidade.

Nas questões que dizem respeito a formas de organização, houve uma divisão de opiniões, onde a maioria acha pertinente a criação de uma associação de turismo e de cooperativas de turismo mas, outros discordaram ou ficaram em dúvida quanto a isto.

Nas sugestões ou observações, alguns abordaram questões relacionadas à infra-estrutura, à necessidade de mudanças e ao tipo de turismo ideal para a Vila.

#### **4.1.5 Fragmentos das falas dos colaboradores nas reuniões**

Colaborador 1: “Aqui nós não temos o turismo comunitário”

Colaborador 2: “A população poucas vezes é escutada, suas idéias não são levadas em conta”. “A população sabe o que é bom [...] a gente é um termômetro.”

Colaborador 3: “As pessoas que vem para cá ensinar o que é turismo, não sabem o que é Paranapiacaba, [...], vem com um pacote pronto [...] não faz um estudo de campo do que que é Paranapiacaba”. (Ele está se referindo às pessoas que dão cursos de capacitação para o turismo)

Colaborador 2: “Essas pessoas não têm a humildade de vir para entender”.

Colaborador 2: “Processos educativos são longos, dolorosos. Você não educa uma comunidade em quatro anos”. “Algumas vezes, a prefeitura administra a Vila com uma visão de negócio,[...], poucas vezes, administra como um patrimônio que é cultural e muitas vezes, administra como inclusão social”.

Colaborador 1: “Dá para estabelecer o turismo comunitário com essa comunidade?” “Não”

Colaborador 2: “Você não representa nenhum órgão da prefeitura, [...], nós nos sentimos muito mais à vontade para falar”. “Muitas pessoas de Paranapiacaba, elas vão nessas reuniões da prefeitura e elas têm vontade de discordar mas, elas têm medo, porque a própria pessoa que vai desenvolver a atividade, [...], ela é dona da casa que você mora. Então, as pessoas aqui se abrem muito pouco. Então, essa relação fundiária que nós temos, nós somos ao mesmo tempo: população de Santo André, a cidade tem obrigações para conosco, [...], empreendedores populares, porque a gente tem que empreender e ganhar dinheiro, [...]. Tem muita gente que não participa, com medo de ser pressionado”.

Colaborador 3: “A comunidade não tem iniciativa”.

Colaborador 2: “Muitas pessoas estão fazendo esses cursos que estão aí, para não perder o desconto do aluguel. Elas não estão interessadas. Não vem de encontro ao que elas precisam”.

Colaborador 3: “O curso não fala a linguagem delas”.

Colaborador 2: “Se o curso não interessa para ela, a culpa não é das pessoas, a culpa é de quem deu o curso, que não atende as mínimas necessidades”.

Colaborador 3: Eu acho que na nossa realidade não é tão importante um caixa eletrônico [...]”.

Colaborador 2: A comunidade quando coloca que precisa ter trem ou um caixa eletrônico, está pensando nela também, não só no turista. Ter acesso a coisas que nem o morador tem, imagina o turista [...]. “Isso vai gerar uma satisfação que vai ser transmitida para o turista”.

## **4.2 Resultados complementares**

### **4.2.1 Entrevista com a Gerência de Turismo de Paranapiacaba**

Nesta entrevista, conforme anexo 5, realizada por correio eletrônico, foram questionados alguns pontos que auxiliam na análise da pesquisa.

O primeiro questionamento foi se a Gerência de Turismo utiliza algum procedimento ou método qualitativo para avaliar os projetos relacionados ao desenvolvimento do turismo na Vila e se a opinião da comunidade era levada em consideração, ou se a mesma, era consultada nestes projetos.

Em relação a essa pergunta, foi respondido que os projetos são baseados no Plano Diretor de Santo André, que a opinião da Vila é consultada por meio de um Conselho de Turismo formado por moradores da vila e eleito por eles próprios.

A segunda pergunta estava relacionada a existência de pesquisas realizadas pela Gerência de Turismo, direcionadas aos visitantes, sobre o andamento do turismo na Vila, como por exemplo, perfil do turista, índice de satisfação do turista, opinário, etc.

A resposta foi que são realizadas pesquisas somente sobre o perfil dos visitantes. Quanto a opinião dos mesmos, a única maneira de ter conhecimento, é por meio de registros deixados no Centro de Informações Turísticas – CIT, ou através de correio eletrônico postado no endereço oficial da Gerencia de Turismo.

A terceira indagação foi sobre os projetos em andamento.

E foi apontado o PQSTP - Programa de qualificação dos serviços turísticos de Paranapiacaba, que, de acordo com a Gerência de turismo, visa melhorar e qualificar os empreendimentos da Vila através de cursos de capacitação ministrados por professores da Universidade Anhembi/Morumbi em uma parceria firmada entre a Prefeitura e a Universidade.

A quarta e última questão dizia respeito sobre o funcionamento dessa parceria com a universidade Anhembi/Morumbi.

Foi explicado que a universidade Anhembi/Morumbi cede os professores para ministrar os cursos de qualificação, e em contrapartida os alunos da universidade têm um destino turístico para estudar e aplicar consultorias.

#### **4.2.2 Análise de matéria de jornal**

Uma matéria de jornal cujo nome foi “Vila pode virar exemplo de equilíbrio”, publicada no Diário do Grande ABC no dia três de setembro de 2006, trouxe uma frase que chama a atenção: “Especialistas dizem que Paranapiacaba está perto da sustentabilidade”.

Conforme pode ser verificado no anexo 6, professores estrangeiros e da Universidade de São Paulo - USP, que participaram de um Seminário Internacional sobre Sustentabilidade e visitaram a Vila de Paranapiacaba, constataram, após conhecimento dos programas realizados pela Prefeitura, que a Vila “está perto, bem perto, da tão almejada harmonia”

De acordo com a matéria, o professor Arlindo Philippi Jr., da USP, afirma que: “As ações realizadas na vila são bastante interessantes. Principalmente porque o diálogo entre poder público e moradores se concretiza em medidas práticas. Decidem juntos o que e como fazer. Para quem vem de fora do Brasil, é uma referência positiva”.

É interessante destacar a ênfase que é dada à parte ambiental. Os resultados positivos apresentados pela representante da subprefeitura só demonstram progressos relativos à natureza, e os progressos das partes econômica e social não são citadas em momento algum, como se sustentabilidade fosse constituída somente do meio ambiente natural.

Talvez a ausência de indicadores de eficiência e qualidade dos projetos implementados, como é citado na entrevista pela diretora do Departamento do Meio Ambiente, seja também o motivo pelo qual o poder público local não percebeu o quanto a população está insatisfeita com a limitação da participação nas decisões importantes para a manutenção e funcionamento da vila.

O objetivo desta análise não é duvidar dos progressos existentes e do profissionalismo da pessoas envolvidas na administração da Vila de Paranapiacaba, mas, questionar sobre algumas lacunas existentes no processo de desenvolvimento que está sendo proposto, e assim, contribuir com o debate.

### **4.3 Proposta de Plano de Atividades para a Vila de Paranapiacaba**

Conhecendo as prioridades da comunidade e suas expectativas relacionadas à atividade turística, está sendo proposto um plano de atividades que vai de encontro aos resultados apresentados.

A proposta é que esse Plano de Atividades seja executado utilizando-se o método participativo, ou seja, o mesmo que foi utilizado neste trabalho. Todas as técnicas apresentadas aqui, podem ser utilizadas e outras podem ser incorporadas e/ou adaptadas de acordo com o perfil da comunidade e das necessidades apresentadas.

Segue abaixo, o Plano de Atividades para a Vila de Paranapiacaba:

**Tabela 3: Plano de Atividades para a Vila de Paranapiacaba**

ESTRATÉGIAS	AÇÕES	PRAZO
Atender as necessidades da comunidade para gerar satisfação.	1. Levantar os problemas relacionados a infra-estrutura e elaborar um plano de ações para resolução dos mesmos. 2. Detectar os problemas sociais e com o auxílio do serviço social atender a demanda existente.	Curto
Abrir espaços para aumentar o grau de participação da comunidade nos assuntos relacionados ao turismo.	1. Inserir a comunidade na elaboração de projetos e definição de estratégias para a atividade turística.	Curto
Definir o perfil do visitante e trabalhar corretamente a divulgação da Vila.	1. Realizar pesquisa para conhecer o tipo de visitante adequado para o local. 2. Definir as estratégias de marketing a serem utilizadas para a divulgação da Vila.	Curto
Revitalizar o patrimônio	1. Buscar parcerias de empresas da região. 2. Captar recursos junto à instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais.	Médio
Implantar o modelo de turismo comunitário	1. Mobilizar e conscientizar a comunidade. 2. Aumentar o grau de decisão da comunidade. 3. Preparar a comunidade para auto-gerir a atividade turística.	Longo

Este plano servirá como modelo para o grupo que colaborou com a realização do diagnóstico e para a comunidade, porque servirá como um documento que foi elaborado a partir de reflexões sobre a própria realidade local.

Para que este plano seja colocado em prática, será necessário o trabalho conjunto da comunidade, da subprefeitura da Vila de Paranapiacaba e de profissionais capacitados para desenvolver metodologias participativas.

## Capítulo 5: Conclusões e sugestões

### 5.1 Conclusões

A partir dos resultados apresentados, podemos concluir que a população da Vila de Paranapiacaba não se sente participante do processo de desenvolvimento turístico do local.

Como a participação é limitada, restringida somente ao nível de consulta, o que causa sentimento de frustração nas pessoas por não verem suas opiniões respeitadas, foi possível verificar que a comunidade demonstra insatisfação com a administração que está sendo realizada. Em algumas falas captadas durante as entrevistas, alguns colaboradores da pesquisa disseram que as pessoas da Vila se cansaram de participar das reuniões realizadas pela subprefeitura, porque não viam suas opiniões se tornarem ações concretas. Isso é confirmado a partir do momento que o grupo que participou da elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo, não definiu a subprefeitura como parceira durante o Diagrama de Venn. Além disso, a falta de transparência em relação aos projetos e tipos de parcerias que estão sendo desenvolvidas pela Gerência de Turismo para alavancar o turismo na Vila, assim como a ausência de um programa ou método de monitoramento dos projetos aplicados, acaba por fortalecer o sentimento de não fazer parte do planejamento. Como exemplo, podemos citar a parceria com a Universidade Anhembi/Morumbi, que está responsável pelo Programa de Qualificação dos Serviços Turísticos de Paranapiacaba, implantado a partir do mês de janeiro, e pelos Fóruns de discussão de turismo, iniciados no mês de fevereiro de 2007.

Quando questionados sobre o tipo de parceria que estava sendo realizada, os objetivos desta parceria e dos projetos, os projetos existentes, etc, os membros do grupo não souberam responder e alegaram que este tipo de informação só é disponibilizada quando tem alguma reunião para apresentar o que já foi decidido.

Na reunião realizada no dia 21 de dezembro de 2006, um dos participantes questionou o gerente de turismo sobre a divulgação que estava sendo feita da Vila e as agências que estavam vendendo o produto, e não obteve resposta condizente com a pergunta. Então, o mesmo sugeriu que as agências de publicidade que estão divulgando a Vila, compartilhassem as idéias com os moradores e apresentassem os materiais que irão divulgar. Mas, o gerente não achou conveniente.

O método utilizado para conseguir a participação dos empreendedores e dos candidatos às funções dentro da atividade turística, nas atividades de capacitação, não se mostra muito eficaz pois, funciona como uma técnica ditatorial porque obriga as pessoas a estarem presentes nos cursos predeterminados, ou seja, as mesmas se vêem pressionadas a participar. Neste caso não há um processo de conscientização e educação voltado à participação.

O resultado de todo esse quadro, vem contradizer as propostas apresentadas na matéria de jornal, conforme anexo 6, que destaca a Vila de Paranapiacaba como um local que pode virar exemplo de sustentabilidade, e se traduz no enfraquecimento da comunidade, na ausência de uma organização mais efetiva por parte desta população e na presença de desavenças internas devido a diferentes ideologias e pontos de vista, e acaba refletindo na relação com os visitantes. Devido a isso, é difícil falar em cooperativismo e associativismo englobando os prestadores de serviços turísticos pois as pessoas não estão preparadas para lidar com alguns conflitos e diferenças, além de estarem desmotivadas e com sentimento de não pertencimento no processo.

As pesquisas realizadas com os visitantes só demonstram a preocupação da administração pública com a definição de um perfil, e um dos dados mais importantes, que é a opinião dos mesmos sobre os serviços prestados, o atendimento e a satisfação, são desprezados, sendo simplesmente registrados de acordo com a vontade ou necessidade do visitante.

Mesmo com todas essas questões preocupantes, o grupo com o qual foi realizado o trabalho mostrou-se consciente dos problemas enfrentados pela Vila de Paranapiacaba, principalmente os relacionados ao turismo e a revitalização do patrimônio existente, que foi uma das maiores preocupações apresentadas pelo mesmo. Além disso, algumas pessoas afirmaram ter conhecimento sobre financiamentos de projetos por grandes empresas e estão interessadas em apresentar propostas, provando que reconhecem a importância de sua participação e que estão preparados ou se preparando para contribuir na formatação de um modelo participativo de turismo.

Realidades como esta apresentada demonstram que há uma demanda de novos modelos de planejamento e gestão da atividade turística e que os residentes tem consciência da importância de estarem participando efetivamente das decisões relacionadas à sua realidade.

Com todo esse processo de mudança, haverá num futuro próximo, a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar métodos participativos não só na área do turismo, mas em todas as outras áreas do conhecimento.

Trabalhos que envolvem metodologia participativa são representativos não só para as comunidades que estão sendo trabalhadas, mas para toda a sociedade. Este trabalho teve representatividade para o grupo que colaborou com a pesquisa.

## 5.2 Sugestões

Algumas técnicas e instrumentos participativos são desenvolvidos, testados e utilizados, tanto para o planejamento do turismo, como para planejamentos específicos de outras áreas e instituições. Essas técnicas devem estar de acordo com a realidade a ser trabalhada, ou seja, adequadas ao perfil da comunidade e às reais necessidades apontadas pela mesma. Para isso, é necessário, conhecer a história do local, entrar em contato com os moradores, participar de eventos importantes para a comunidade e também de reuniões comunitárias, assim como, observar as relações existentes. Mas, este processo não pode ser visto como um planejamento convencional, mas sim como um planejamento realmente participativo, onde todos os indivíduos têm papel fundamental no processo.

No método utilizado neste trabalho, direcionado à comunidade escolhida, foi verificado que as técnicas envolvidas são eficientes porque trabalham o debate e intercâmbio de idéias, desenvolvem a organização, estimulam a reflexão e promovem a auto-estima e a valorização do indivíduo.

Ainda há muitas questões a serem estudadas, não só na Vila de Paranapiacaba mas em todas as localidades classificadas como destinos turísticos e também nos locais que querem implementar o turismo, pois, há várias perguntas para serem respondidas, como por exemplo:

- ✓ Quais os métodos adequados para promover o planejamento participativo e consequentemente a autogestão, numa dada localidade turística?
- ✓ Que tipo de indicadores devem ser utilizados para a avaliação desses métodos?
- ✓ Que processos devem ser trabalhados concomitantemente para conseguir algum resultado expressivo?

É explícita a necessidade de respostas adequadas para estas e outras questões que podem ser levantadas. E uma sugestão para a última pergunta, e em especial para a Vila de Paranapiacaba, seria relativa ao processo educativo de participação que é definido por Souza como:

O processo que se expressa através da conscientização, organização e capacitação contínua e crescente da população ante a sua realidade social concreta. Como tal é um processo que se desenvolve a partir do confronto de interesses presentes a esta realidade e cujo objetivo é a sua ampliação enquanto processo social (SOUZA, 2004, pág. 84).

Quando falamos em participação, estamos nos referindo a um processo de formação de consciência e prática humana que precisa de instrumentos como educação e incentivos para orientar as ações a serem priorizadas. Despertada essa consciência, o indivíduo se sente valorizado porque começa a se sentir parte importante de um grupo, a partir do momento que contribui nas decisões que serão tomadas para melhorar seu ambiente.

Dessa forma, é necessário reafirmar que torna-se essencial a presença de profissionais capacitados para desenvolver trabalhos que possam produzir frutos para a população a que se destina.

## Referência complementar

CASTILHO, A. L. H. de. **A Vila de Paranapiacaba e a problemática da intervenção.** 1998. 155p. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, FAU, São Paulo, 1998.

CRUZ, R.C.A. da. **Introdução à geografia do turismo.** 2.ed. São Paulo: Roca, 2003.

FERREIRA, J; PASSARELI, S. H; SANTOS, M. A. P. **Paranapiacaba: Estudos e memórias.** Santo André: Public, 1990.

IVAN, B. *et al.* **Prainha do Canto Verde.** Disponível em : <[www.ivt-rj.net/caderno](http://www.ivt-rj.net/caderno)>. Acesso em: 08/08/04.

MEDICY, A. **Migração, urbanismo e cidadania:** A história de Santo André contada por seus personagens. Santo André: PMSA, 1992.

MEYER, Regina Maria Proseri. **Plano de desenvolvimento sustentável da Vila de Paranapiacaba.** 1999. 3v. Monografia – Universidade de São Paulo, FAU, São Paulo, 1999.

MINAMI, I. Vila de Paranapiacaba: patrimonio ambiental, tecnologico e arquitetônico. In: YAZIGI, E; CARLOS, A. F. A; CRUZ, R. C. A. (orgs). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** São Paulo : Hucitec, 1996, p. 114-129.

OLIVEIRA, A. C. C. M. de. **Revitalização da Vila de Paranapiacaba.** 2001. 66p. Tese Final de Graduação - Universidade Católica de Santos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Santos, 2001.

PARANAPIACABA. Disponível em: <[www.cidadeshistoricas.art.br/paranapiacaba](http://www.cidadeshistoricas.art.br/paranapiacaba)>. Acesso 14/03/05.

RODRIGUES, A. B. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, A. B, (org). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo:Hucitec, 2002, p. 55.

RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: Célia Serrano. *et al;* (org). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2001, p.171.

SCHARER, R. **Turismo sustentável: um estudo de caso sobre a experiência da comunidade de Prainha do Canto Verde no litoral do Ceará**. *Passos - Revista de Turismo y Patrimônio Cultural*, vol. 1, p.231-242, 2003.

SILVA, Y. F. Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: ÁLVARO, B. J.; BARRETO, M. (orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2002.

UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba**. 2003. 182p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, ECA, São Paulo, 2003.

## Referências bibliográficas

ARNSTEIN, S. R. **Uma escada da participação cidadã**. Participe, ano 2, n.º2, 2002.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação?**. Editora Brasiliense – Coleção Primeiros Passos n° 95, [20--].

BROSE, M. (org.). **Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

DEMO, P. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 1988.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

GANDIN, D. **A Prática do Planejamento Participativo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GRABNER, R. M. **A revitalização da vila ferroviária de Paranapiacaba: Reflexões sobre o turismo e a hospitalidade**. 2006, 168 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.

IRVING, M. A. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KISIL, M. **Organização social e desenvolvimento sustentável: projetos de base comunitária**. In: IOSCHPE, Evelyn Berg. (org). 3º setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LIMA, L. C.; CORIOLANO, L. N. M. T.(orgs). **Turismo e desenvolvimento social sustentável**. Fortaleza: Eduece, 2003.

LIMA, L. C.; CORIOLANO, L. N. M. T.(orgs). **Turismo Comunitário e Responsabilidade Socioambiental**. Fortaleza: Eduece, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO . Disponível em: < <http://200.189.169.135/regionalizacao/>>. Acesso em 14/03/06.

MONTORO, A. F. **Participação: desenvolvimento com democracia**. São Paulo: Nossa Editora, 1990.

SALVATI, S. S. (org). **Turismo Responsável. Manual para Políticas Locais**. Brasília: WWF Brasil, 2004.

SCHMINK, M. **Marco Conceitual sobre Gênero e Conservação com Base Comunitária**. Universidade da Flórida, 1999.

SYLVIA, M.(org). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF Brasil, c2003, p.v.

SOUZA, M. L. de. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. São Paulo: Cortez, 2004.

TURISMO SERTANEJO. Disponível em: [www.turismosertanejo.com.br](http://www.turismosertanejo.com.br) Acesso em: 21/04/07.

## 10. Anexos

### Anexo 1: Respostas das questões introduzidas na 1ª reunião.

O que é participar?

- ◆ Falar
- ◆ Ouvir
- ◆ Agir
- ◆ Olhar além do que você vê
- ◆ Dividir
- ◆ Sugerir
- ◆ Trabalhar em comunidade
- ◆ Interação
- ◆ Reunir-se em grupos de pessoas para discutir, agir, mobilizar na solução de problemas
- ◆ Dialogar
- ◆ Dividir idéias em conjunto
- ◆ Ter objetivos comum
- ◆ Ação
- ◆ É o que estamos fazendo agora, discutindo os problemas da Vila
- ◆ Colaborar
- ◆ Partilhar com outros a criação, desenvolvimento ou solução de qualquer tema
- ◆ Pensar e agir coletivamente

O que é turismo comunitário?

- ◆ Aquele que visa o turismo da comunidade (do “conjunto”)
- ◆ É aquele onde todos trabalham para um mesmo fim
- ◆ É a atividade turística desenvolvida e realizada pela comunidade

- ◆ É quando se trabalha em comunidade
- ◆ É uma comunidade trabalhando em prol de seu potencial turístico
- ◆ A atividade econômica que envolve a população do local visitado
- ◆ É o turismo cujas ações estão voltadas para o bem comum
- ◆ Não sei
- ◆ Não sei ainda

## Anexo 2: Tabela ilustrativa da técnica Realidade-Desejo-Como

REALIDADE	DESEJO	COMO
Comunidade insatisfeita	Recuperação do patrimônio cultural	Buscar na iniciativa privada e programas internacionais recursos necessários para recuperação do patrimônio
Comunidade desunida	Restauração, revitalização e resgate dos patrimônios	Normatizar procedimentos de manutenção
Transferência de insatisfação para o turista	Administração do patrimônio através de uma fundação	Capacitação por consultoria
Desinformação	Necessidades da comunidade atendidas, gerando satisfação	Consultoria para empreendedores no estabelecimento
Capacitação inadequada	Comprometimento do morador pela Vila	Valorização de nossos patrimônios
Má gerenciamento por parte da prefeitura	Formato do produto turístico divulgado como ele é de verdade	Assistência social da PMSA* promovendo manejo e oportunidades para os que não moram na Vila por opção
Ausência de comprometimento por parte da população	Comunidade com desejos e características definidas	Fixar na Vila as pessoas que estão por opção e amor à Vila
Não tem divulgação correta para o perfil desejado de turista	Auto-gerência do turismo; PMSA* só como mediadora	Colocar ação de responsabilidade em ação pública contra a PMSA*
Patrimônio deteriorado	População mais consciente	Trabalhar a base da família
Transporte precário	Definir o turista desejado para direcionar o turismo	
Iluminação precária	Comunidade organizada e bem informada	
Auto estima dos moradores decadente	Uma Vila mais organizada politicamente	
Não tem caixa eletrônico	Colocar do mirante até Santos um teleférico. E subir de trem	
Má infra-estrutura (sem farmácia, feira, caixa eletrônico, trem e pouco transporte público, além de energia elétrica decadente)	Bom gerenciamento por parte da prefeitura pela Vila	

Ausência de comunicação	Divulgação	
Ausência de organização na Vila	Conservação e restauração	
Transferência de responsabilidade para a prefeitura	Que todas as pessoas que têm alguma importância na administração conhecesse o nossos patrimônios	
Não tem a formatação e a divulgação do produto turístico	Que a Vila deixe de ser local de inclusão social	
Não tem fórum representativo de moradores		
Presença de famílias desestruturadas		
Dois pesos e duas medidas		

\* PMSA: Prefeitura Municipal de Santo André



## **Anexo 3: Diagrama de Venn**

Definição do projeto: O turismo que queremos

### **3.1 Levantamento dos parceiros**

Possíveis parceiros para o projeto:

- ◆ Fundações: Bradesco, Itaú-cultural, Roberto Marinho, Casas Bahia, etc
- ◆ MRS Logística
- ◆ Ong's locais: AMA, SPR, Mãe Natureza, Ecoverde.
- ◆ Conselhos de defesa do patrimônio: IPHAN, CONDEPHAT, CONDEPHAPASA.
- ◆ Operadoras e agências de turismo
- ◆ Nextel
- ◆ Ministério público
- ◆ CVC turismo
- ◆ Universidades: Unesp, USP, PUC, Unicsul, Anhembi-Morumbi, unicamp, Ufscar, etc.
- ◆ Programas de intercâmbio cultural
- ◆ Universidades de biologia e arquitetura
- ◆ Conselhos para projetos de restauro
- ◆ Albergue da juventude
- ◆ Secretaria do meio ambiente, Instituto Florestal, Instituto de botânica
- ◆ Indústria de tintas para pintar as casas
- ◆ Cultura inglesa (curso de inglês)
- ◆ Rotary Clube
- ◆ Empresa União
- ◆ ABPF (Associação Brasileira de Preservação Ferroviária)

Parceiros de maior importância:

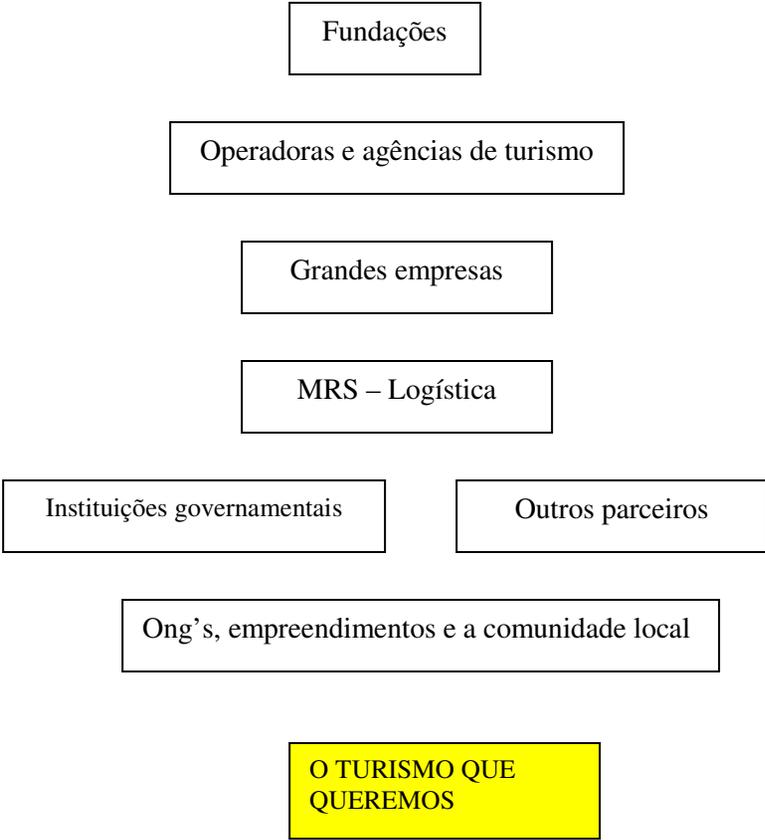
- ◆ Fundações: Bradesco, Itaú-cultural, Roberto Marinho, Casas Bahia, etc
- ◆ MRS Logística
- ◆ Ong's locais: AMA, SPR, Mãe Natureza, Ecoverde.
- ◆ Operadoras e agências de turismo
- ◆ Nextel
- ◆ CVC turismo
- ◆ Albergue da juventude
- ◆ Empresa União

Parceiros de menor importância:

- ◆ Conselhos de defesa do patrimônio: IPHAN, CONDEPHAT, CONDEPHAPASA
- ◆ Ministério público
- ◆ Universidades: Unesp, USP, PUC, Unicsul, Anhembi-Morumbi, Unicamp, Ufscar, etc.
- ◆ Programas de intercâmbio cultural
- ◆ Universidades de biologia e arquitetura
- ◆ Conselhos para projetos de restauro
- ◆ Secretaria do meio ambiente, Instituto Florestal, Instituto de botânica
- ◆ Indústria de tintas para pintar as casas
- ◆ Cultura inglesa (curso de inglês)
- ◆ Rotary Clube

**Anexo 3.2: Figura ilustrativa da proximidade dos parceiros com o projeto**

**DIAGRAMA DE VENN**



## **Anexo 4: Entrevista com os componentes do grupo que colaborou com a pesquisa**

1. Na sua opinião, a participação é importante para um processo de mudança?
2. Você acha que a sua participação é importante para uma transformação da realidade, principalmente relacionada ao turismo, da Vila?
3. Você se sente preparado para contribuir com um processo de mudança? Por que?
4. O que você acha do turismo comunitário?
5. O modelo de turismo comunitário poderia ser aplicado na Vila, seja a médio ou longo prazo?
6. Você se interessaria em conhecer através de estudos de casos, outros locais que estão tentando implantar o turismo comunitário?
7. Há possibilidades de parcerias para iniciar um processo de participação efetiva da comunidade?
8. Há possibilidades de se criar uma associação que engaje todos que trabalham com o turismo na Vila?
9. Há possibilidades de se criar cooperativas voltadas à prestação dos serviços turísticos, na Vila?
10. Você tem alguma observação ou sugestão a fazer sobre o turismo na Vila?

## **Anexo 5: Entrevista com a Gerência de Turismo da Vila de Paranapiacaba**

1. A secretaria de turismo utiliza algum procedimento ou método qualitativo para avaliar os projetos relacionados ao desenvolvimento do turismo na Vila? Se sim, a opinião da comunidade é levada em consideração? A comunidade é consultada?
2. Existem pesquisas realizadas pela equipe da secretaria de turismo, sobre o andamento do turismo na Vila (perfil do turista, índice de satisfação do turista, opinário, etc)?
3. Quais os projetos em andamento?
4. Como se dá essa parceria com a universidade Anhembi/Morumbi?

Anexo 6: Matéria do jornal “Diário do Grande ABC”, publicada em 03 de setembro de 2006.

# Vila pode virar exemplo de equilíbrio

Especialistas dizem que Paranapiacaba está perto da sustentabilidade

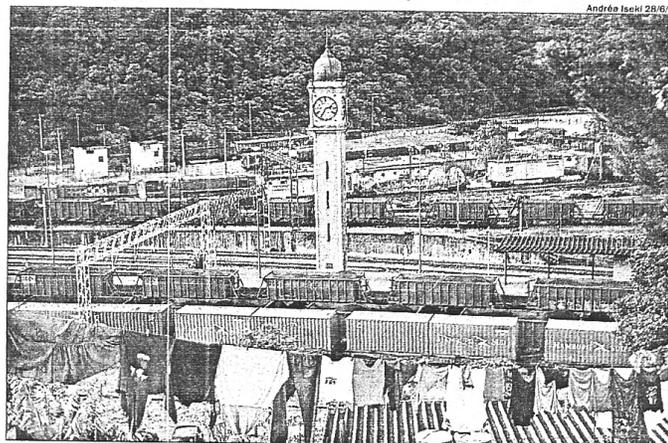
Ilíenia Negrin

A vila de Paranapiacaba, em Santo André, pode se transformar em exemplo de sustentabilidade. A palavra é complicada, mas o conceito é bem simples: equilíbrio entre homem, meio ambiente, condições sociais, trabalho e cultura. Professores estrangeiros e da USP (Universidade de São Paulo) afirmam que o vilarejo histórico está perto, bem perto, da tão almejada harmonia.

Em visita na última sexta-feira à área que compreende Paranapiacaba e Parque Andreense, a comitiva de especialistas conheceu os programas realizados pela Prefeitura para reverter os danos causados à natureza e incluir os moradores na proposta de desenvolvimento econômico e social sustentáveis.

Entre as iniciativas que viraram vitrine da região, estão o projeto de educação ambiental, a regularização fundiária dos lotes ocupados e a recuperação das matas e dos mananciais.

O professor da FSP (Faculdade de Saúde Pública) da USP, Arlindo Philippi Jr, já conhece Paranapiacaba. Ele foi o “guia” dos professores universitários que vieram da Alemanha, Estados Unidos, Chile, Portugal, Canadá e Chile para um seminário internacio-



Parceria entre Prefeitura e USP pode transformar a vila e o Parque Andreense em referências de programas para harmonizar homem, natureza e desenvolvimento

nal sobre sustentabilidade.

“As ações realizadas na vila são bastante interessantes. Principalmente porque o diálogo entre poder público e moradores se concretiza em medidas práticas. Decidem juntos o que e como fazer. Para quem vem de fora do Brasil, é uma referência positiva”, afirma.

Santo André e FSP já mantêm parceria para a capacitação de profissionais que atuam na área de meio ambiente no município. Ainda este mês, um convênio de cooperação e estudos deve ser assinado para que Paranapiacaba e Parque Andreense abriguem um projeto pioneiro no país.

Os efeitos dos programas de sustentabilidade são visíveis. A diretora do Departamento de Meio Ambiente da subprefeitura, Renata Ferreira, diz que o adensamento irregular diminuiu, assim como a degradação das áreas verdes. “Falta saber o porquê, efetivamente, conseguimos esses progressos. Não temos ferramentas para calcular os avanços. São esses indicadores que precisamos definir”, explica.

É aí que entra a FSP, que reúne pesquisas de indicadores de sustentabilidade. Equipes da Prefeitura e da USP vão estudar meios de transformar

o equilíbrio em números.

“Os indicadores serão o termômetro das políticas públicas. Em várias partes do mundo, já são amplamente utilizados para direcionar as ações que possam levar à sustentabilidade”, explica Philippi Jr.

O engenheiro civil acredita que a experiência de Santo André servirá de modelo para que outros municípios se desenvolvessem de maneira sustentável.

Renata, da subprefeitura, diz que já ouviu muita gente dizer que sustentabilidade é sinônimo de utopia. “Aos poucos, estamos provando que o equilíbrio pode se tornar realidade.” □

## Anexo 7: Selo de qualificação dos serviços turísticos de Paranapiacaba

### Selo 5º Patamar de Qualidade dos Serviços Turísticos de Paranapiacaba

Os empreendimentos da Vila de Paranapiacaba estão participando de um processo de certificação. Esta certificação visa estimular os estabelecimentos ligados ao turismo, como os Portas Abertas e Bed and Breakfast, a buscar constantemente a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos bem como a sua sustentabilidade, aumentando a segurança e confiabilidade desses empreendimentos. Como símbolos serão utilizados vagões de trem, representando a Vila Ferroviária. O certificado receberá, ainda, o nome “5º Patamar”, referindo-se ao 5º Patamar da segunda linha férrea construída pela São Paulo Railway Co. no final do Séc. XIX, gerando identidade ao selo. A certificação faz parte do Programa de Qualificação dos Serviços Turísticos de Paranapiacaba que adota os seguintes percentuais de qualidade:

	96% a 100%
	90% a 95%
	83% a 89%
	77% a 82%
	70% a 76%

## **Anexo 8: Cartilha do Programa de Qualificação dos serviços turísticos de Paranapiacaba – 2ª fase**

### CARTILHA DO PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS TURÍSTICOS DE PARANAPIACABA – 2ª FASE

Resumo das atividades

#### **-Cursos (Início Jan 07)**

Metodologia: Aulas expositivas ministradas nas dependências da Subprefeitura pelos profissionais das respectivas gerências e seus colaboradores.

Módulo Básico – Voltados a todos os envolvidos com o turismo na Vila. (Empreendedores, receptivos turísticos, Monitores ambientais e culturais)

Turismo e Empreendedorismo, Educação Ambiental e educação Patrimonial (Total 40 horas) –

Avaliação final – prova (média 7) e frequência de 75%

Módulo Intermediário

Turismo e Empreendedorismo - Direcionado para os empreendedores e receptivos turísticos

Educação Patrimonial – Direcionado para os monitores culturais

Educação Ambiental – Direcionado pra os Monitores Ambientais

Modulo Avançado – Oficinas e workshops de especialização

#### **Consultorias**

Metodologia: Elaboração de propostas de melhorias através de visitas técnicas junto aos empreendimentos. Avaliação prática para compor nota de certificação dos empreendimentos.

Ações:

- Diagnóstico situacional: Técnicos analisam os empreendimentos individualmente com fichas de análise do empreendimento com o objetivo de conhecer as potencialidades, fragilidades e detalhamento em relação aos serviços, ambiente, higiene e qualidade dos produtos. (Em andamento)
- Propostas de melhorias: Através do relatório Pós-diagnóstico serão elaboradas propostas de melhorias dos empreendimentos listados, em vários níveis de prioridade e dimensão.
- Avaliação: Os empreendimentos serão avaliados duas vezes durante a certificação da segunda fase do programa

#### **-Autoavaliação**

Metodologia: Será criado uma ficha de autoavaliação. O objetivo é entender visão do empreendedor em relação ao seu negócio

**-Avaliação do Turista**

Metodologia: Mutirão em eventos captando opiniões de turistas em relação aos empreendimentos individualmente.

**-Avaliação do envolvimento com o programa**

**-Certificação 5º Patamar**

metodologia: Soma das notas das atividades descritas acima.

Observação: A não participação nas ações do P.Q.S.T.P implicará na perda dos benefícios oferecidos pela Prefeitura Municipal de Santo André, como a divulgação na mídia oficial e desconto nos aluguéis.